

Invasores resistem a remoção

Kátia Marsicano
Da equipe do **Correio**

Ninguém está satisfeito. Pelas estreitas ruelas de terra, nos quintais dos barracos de madeirite, nas mesas de botequim, no encontro das donas-de-casa, o assunto é o mesmo: a remoção. O clima é de revolta entre os 187 moradores da invasão que fica na área onde será criado o Parque Ecológico Ezequias Heringer no Guará. O local fica atrás do ParkShopping.

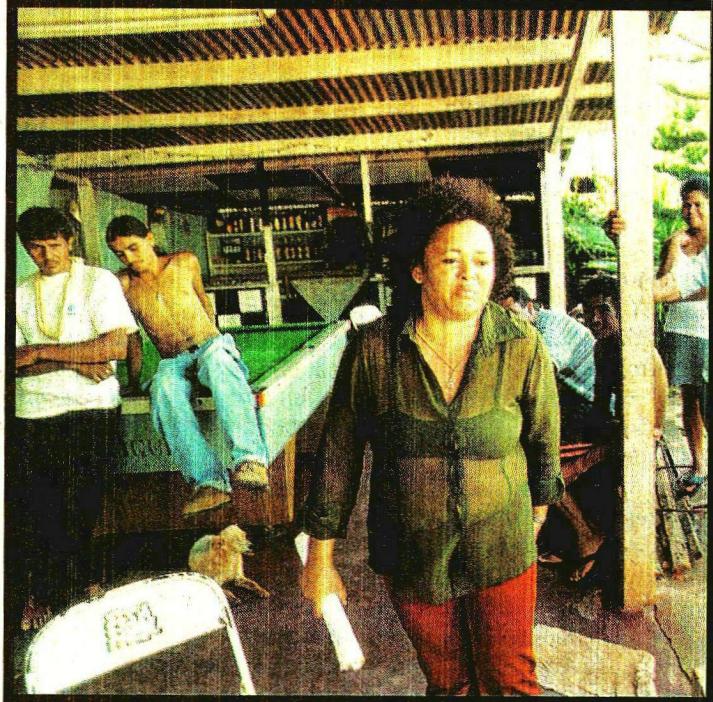
Para inaugurar o parque Heringer, o Governo do Distrito Federal precisa desocupar os 306 hectares de área de proteção ambiental. E remover invasores e mais 86 chacareiros que estão na mesma situação.

“A gente não é contra a mudança. Sabemos que essa área é de preservação, mas não podemos ser jogados no meio do nada”, protesta a vice-presidente da Associação dos Moradores Solidários da Área Urbana, Enaura Pereira Amorim. Segundo ela, mais de 40 famílias já foram notificadas pela Administração Regional do Guará e receberam um prazo de 72 horas para ir embora. O prazo terminou domingo. De lá para cá, os moradores estão com medo de sair de casa. Temem que, ao voltarem, o barraco estar no chão.

Hoje, às 9h, a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh) vai levar os moradores para conhecer Santa Maria, cidade para onde poderão ter novo endereço. “Temos mais de 200 crianças estudando no Guará. A gente podia ir para o Guará ou Riacho Fundo”, argumenta Enaura. Ela promete resistir à transferência e avisa que a comunidade não vai deixar que os barracos sejam derrubados enquanto não houver acordo. Os boatos na comunidade são de que 600 homens da Polícia Militar e Serviço Integrado de Vigilância do Solo (SIV-Solo) estão se preparando para a derrubada.

A invasão fica a poucos metros do córrego Guará, onde

Paulo de Araújo



ENAURA AMORIM, INVASORA: “NÃO PODEMOS SER JOGADOS NO MEIO DO NADA”

ainda resistem nascentes, veredas e matas ciliares intactas e algumas espécies de animais. Mas há energia elétrica, esgoto, água, caixa postal para correspondência, telefone e coleta de lixo regular, paga pelos moradores. Um dos barracos na rua principal tem até uma pequena piscina, construída, segundo os donos, para o lazer das crianças. Sem contar as facilidades de transporte e comércio.

Um dos indícios pelo interesse na área são as histórias de compra e venda de lotes, que já estariam valendo entre R\$ 5 mil e R\$ 15 mil. A dona-de-casa Rosângela Pereira, 36 anos, chegou à invasão há quatro anos e pagou pelo lote. Não diz quanto, mas a sua história confirma a existência das negociações. “Paguei pelo barraco de madeirite, não pelo lote”, explica. Ela é uma das mais preocupadas com a remoção das famílias, porque tem quatro filhos estudando no Guará.

CHACAREIROS

Entre os chacareiros, a preocupação é maior. Ocupantes de áreas de até

12 hectares, querem ser indemnizados pelas benfeitorias nas terras. “Só os técnicos da Emater estiveram aqui para avaliar o que temos construído”, conta o presidente da Associação dos Chacareiros, Carlos Alberto de Araújo, dono de uma marmoraria no local. “Não produzo resíduos poluentes aqui. Apenas corto as peças de granito”, garante.

Morador da área há 15 anos, Carlos de Araújo duvida da preocupação do governo com a preservação ambiental. “Eles vão encher isso aqui de concreto”, denuncia. O chacareiro defende um plano de manejo local, no qual ficariam proibidas atividades prejudiciais ao meio ambiente.

Até as 20h, o **Correio** tentou falar com o coordenador da Comissão de Parques (Comparques), do GDF, Énio Dutra, responsável pela implantação do parque. Mas ele estava reunido com moradores da invasão. A assessoria de Dutra confirmou, no entanto, que hoje haverá um ônibus para levar os moradores para conhecer Santa Maria.